

## Uncanny Places

*Que medo é este que, neste fim de milénio, se apodera do nosso sentir? O que é que perturba e confunde a nossa experiência e o nosso juízo? O que nos faz sentir ameaçados, intimidados, assustados?* (Mário Perníola, “Enigmas”, 1990)

Vivemos uma cultura do enigma. E o enigma, que alimentou desde sempre a nossa relação com o mundo e os outros, nasce da consciência vaga mas intermitente, do colapso do passado e do futuro. E isso dá-se quando o que foi antigo e o que poderá ser o futuro coincidem num presente desmesurado; passado e futuro, então, não só se assemelham, como se confundem; isso dá-se quando os homens mais se identificam a coisas, - a paisagens - e o mundo inorgânico, com a tecnologia electrónica substitui o homem na percepção dos fenómenos. E no nosso *mundo post-histórico, cripto-criminoso e neo-obscurantista*, (\*), onde a arma principal é a chantagem, a resistência pode ser, precisamente o enigma, que permite descobrir diversos sentidos e múltiplas interrogações.

O enigma abre um espaço que não se destina a ser fechado porque nos mostra a complexidade da realidade onde a incerteza se instala no lugar do hábito e do reconhecimento. Onde o passado não explica e apenas sugere fugas do sentido e o futuro se suspende na interrogação. O trânsito para o diferente, a clara distinção do que é banal, (o permanecer a identidade) é a essência do enigma.

É nesta sociedade do enigma, que hoje temos, que fotografias como as de Virgílio Ferreira podem surgir. Porque o que foge à banalidade, ao conhecido e identificado da experiência e da razão, desorienta o sujeito e suscita sentimentos de medo e desorientação e instala a perturbação do mistério e do irracional.

(\*) Perníola, (1990)

As imagens de Virgílio Ferreira são uma galeria de inquietação. Por vezes faz-nos percorrer a memória para encontrar uma figura que explique o que observamos e sentimos como uma metamorfose: como no pensamento mítico, alheio à unidade intelectual, anulamos o resto do mundo, a aprendizagem racional e só passa a existir o conteúdo imediato que esgota toda a energia num só objecto. É assim a fotografia do lobo que caminha para nós num espaço indefinido e inevitável. Ou aquele homem que parece encerrado num aquário de vidro, como uma figura que nos observa e aguarda. Outro facto de estranheza é a indeterminação das formas, (o uso do *flou*, o desfocado e a sobreposição), que cria a hesitação do significado. A estranheza fascina porque se procura o significante para interromper o arrepio do desconhecido eivado de memórias do medo que o quer preencher.

O homem, na sua distribuição de signos, resguardou sempre uma reserva de significantes, necessariamente indeterminados, que significam tudo e nada; são os *significantes flutuantes*, que têm um valor simbólico em estado puro e servem de suporte a qualquer conteúdo simbólico. O significante flutuante está na charneira dos códigos; quando possuem conteúdo pertencem a dois tipos de objecto, a dois mundos. São puras energias. E daí vem a fascinação da estranheza e da indeterminação.

O deus principal do enigma, na Grécia, era Apolo, também chamado Febo, (o puro) e Lóxias, (o oblíquo), possuindo portanto uma natureza enigmática, pois nele coincidia a razão e o delírio, - a sabedoria e o auto-controlo, mas também a possessão e o transe. Ao contrário do misticismo, onde há comunhão e a intimidade entre o deus e o fiel, a possessão apolínea instaura o terror, é a experiência plena da diferença, da estranheza radical do divino em relação ao humano. Deus do belo, Apolo é como a beleza, enigmático e indeterminável. E é isso que vemos aqui, seja a gruta onde uma entrada ilumina o impossível cenário interior que é fonte de luz e nos atrai trazendo mitos de redenção; a campânula que encerra ou exclui aquelas figuras vagas; o homem que esclarece um grupo anónimo ou aquele inusitado cenário de ópera de Wagner no cruzamento de dois homens muito, muito comuns. Aqui, nesta belíssima imagem de desencontro, não sabemos quem permanece ou quem é tragado.

Há imagens onde se criam atmosferas insondáveis, outras que fazem adivinhar violência ou metamorfose. Se arriscamos entrar nas tenebrosas paragens dos deuses, (quando Vénus e Afrodite nos guiam ou dois cães chineses de louça nos convidam),

desconhecemos o mito que explica os acontecimentos. Há, aqui e ali, a evocação do processo sagrado, da explicação mítica ou lendária, mas nunca o processo da imaginação, como na vida, nos abre a explicação.

Há ainda um tema de angústia decisivo: a total continuidade entre o real e a sua representação. Painéis de parede que se entrelaçam com os muros e o chão, tonalidades esvaídas das pinturas que conversam com a realidade das folhas mortas e da pedra. O mundo surge-nos já como uma amálgama de natural e artificial, de evocação do que afinal perdura, de simbiose do que o mundo é e o mundo que o homem quer que seja. Não entramos em cena; tudo nos veda a passagem, pois tudo aqui nos diz que o mundo que adivinhamos é um universo de enganos. Mas mantemos a nossa reserva de expectativa, de interpretação. Porque estas paisagens, por vezes habitadas, não são habitáveis. Sofrem do mal da nossa sociedade do enigma, onde as almas, há muito, bem o sabemos, já não são do mesmo modo habitáveis. A ignorância de nós mesmos, num mundo onde os próprios rostos se tornaram simples paisagem, esvaziou-nos de passado e de experiência, como um ecrã de computador, onde tudo se processa no actual. A nossa realidade tecnológica gira em volta da informática; armazenada no computador está toda a memória, toda a alma do homem. Saber é *surf* na memória dos outros que atravessa as estradas da comunicação da Net. Aí se resguarda o modelo de acumulação, de conservação e ordenamento dos dados. Interessa que essa memória artificial esteja disponível. O próprio esforço de pensar ou sentir directamente faz parte do efémero, do utilitariamente efémero.

Nesse cérebro externo que é a nossa cultura conjugam-se consumo e preservação. O actual que regeu a sociedade contemporânea, já cedeu lugar ao virtual e ao perfeito. Tendencialmente a sociedade de hoje fragmenta indefinidamente o seu tempo de fruição, distribuindo-se pela oferta da TV, dos vídeos, da leitura, da Net: a norma é, cada vez mais, seguir programas, processos, regras de classificação e selecção.

O mundo da virtualidade onde a informática nos introduz diz-nos que o real não é o que aparece num instante de tempo, (o fenómeno) onde vislumbramos a realidade, mas o que fica guardado na memória universal, acessível com uma tecla ou um “rato” de computador. O essencial já não provém da interioridade da alma, mas da exterioridade armazenada. O saber está à disposição do homem, não lhe pertence intimamente, não o habita. O mundo virtual é o que o homem aspira para si mesmo: disciplinado, completo, perfeito. Com essa perfeição universal que se procura obter para os rostos e os corpos

que, por isso mesmo se transformam em paisagens. Como os *transformers* da nossa cultura, a metamorfose é o código.

O paradoxal na produção destas imagens de mistério e inquietação é que não requerem computador. São imagens do natural, obtidas com a câmara e não com o photoshop. O que nelas reside é a referência da realidade e a percepção do fotógrafo. Talvez por isso mesmo elas redescubram a extrema complexidade desse mundo que obrigou o homem a inventar lendas, mitos e metafísicas para não se sentir só e desprevenido. O crescente domínio científico da natureza, apenas criou outras metáforas; as mais velhas, feitas de medos e possessões, mantiveram-se na ordem do sentir e entrelaçam-se com o que vemos quando a ciência e o realismo não nos dão a explicação que se procura.

Talvez por isso se desenhe aquele portal para o desconhecido, mais pregnante do que o que se nos avizinha. O portal é, foi sempre, regido por espíritos tenebrosos e decididos. Atravessá-lo foi sempre deixar para trás o paraíso controlado, insuficiente mas conhecido.

Atravessá-lo resiste a qualquer argumento da civilização. A sua razão de existir depende da vontade de o atravessar. São os portais de interdição que ajudam a construir as *uncanny places*.

Maria do Carmo Serén,  
Novembro de 2009